

Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação Física

**CORPOREIDADE E GÊNERO:  
A MENINA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Eduarda de Sousa Magela

Brasília  
2019

Eduarda de Sousa Magela

**CORPOREIDADE E GÊNERO:  
A MENINA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
Educação Física do Centro de ensino da  
Universidade Federal de Brasília como requisito  
para a obtenção do Título de Licenciado em  
Educação Física  
Orientadora: Prof. Dr. Dulce Filgueira de Almeida

Brasília

2019

Ficha de identificação da obra

Magela, Eduarda Sousa, 2019-

Corporeidade e gênero: a menina na educação física escolar/ Eduarda de Sousa Magela – Brasília, DF, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Filgueira de Almeida

1. Gênero 2. Educação física 3. Corporeidade

Eduarda de Sousa Magela

## **CORPOREIDADE E GÊNERO: A MENINA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de licenciado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física

Brasília, 03 de julho de 2019.

---

Prof. Dr. Jonatas  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Dulce Filgueira de Almeida  
Orientadora  
UnB 2019

---

Prof.<sup>a</sup> Jessica de Moura Pereira  
Membro  
UnB 2019

---

Profa.Ma.. Leticia Rodrigues Teixeira e Silva  
UnB 2019

Este trabalho é dedicado aos meus colegas e aos meus queridos pais.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que esteve presente todos os dias acalmando meus sentimentos de agonia e por me proteger dia a dia no percurso da faculdade.

A minha família por me dar condições de estudo a vida toda e ter me apoiado diante dos meus sonhos.

A minha mãe por toda dedicação e preocupação na minha jornada, por todo amor, apoio e comprometimento com os deveres que pertenciam a mim.

Aos meus amigos de faculdade, Juliana e Alan, que tornaram a rotina mais leve e me fizeram crescer grandemente dentro da universidade.

A Universidade de Brasília por me tirar da minha zona de conforto e me fazer enxergar uma realidade diferente da minha, além disso, me tornar um ser humano crítico e me oferecer tantas oportunidades de crescimento.

Ao meu pai por toda preocupação e oportunidades.

As crianças que fascinaram meu coração de uma maneira inexplicável.

A minha orientadora Dulce Maria e sua orientanda de mestrado Jessica que tornaram possível a realização deste trabalho.

A todos os professores que se dedicaram para mudar minha visão em relação a Educação Física.

A todos aqueles que sentiram toda a caminhada comigo, muito obrigada.

“O problema com a questão de gênero é que ela dita como nós devíamos ser, ao invés de reconhecer como nós somos. Imagine como seríamos mais felizes, o quão livres seríamos para sermos nós mesmos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero”.  
(Chimamanda Nogzi, 2017)

## RESUMO

O trabalho teve como objetivo compreender a corporeidade de meninos e meninas nas aulas de educação física em uma escola pública do DF, situada em uma comunidade cujo perfil socioeconômico é de baixa renda (Riacho Fundo I). O foco do olhar foi a questão de gênero, partindo-se da inquietação inicial da precária participação de meninas nas práticas da Educação Física. A pesquisa de campo foi realizada com base em um trabalho de observação direta e em conversas informais, além de entrevistas, sem roteiro definido. A turma observada possuía 32 alunos, numa faixa-etária entre 12 e 13 anos, do 6º ano do ensino fundamental. Foram observadas as aulas de Educação física durante um mês e meio e as coletas de dados foram feitas a partir de entrevistas com os alunos e consoante as notas de campo, foco das observações realizadas. Como resultados aponta-se que durante as aulas de educação física há verificação de situações de discriminação entre meninos e meninas, que se evidenciam por práticas de segregação durante o uso de determinados espaços físicos pela segregação do espaço (um dos exemplos é que a única quadra esportiva da escola é monopolizada pelos meninos); além do uso de expressões discriminatórias e preconceituosas entre ambos (meninos e meninas, mas sobretudo em relação às meninas). Tais aspectos incorrem no fato de que as meninas não se sentem motivadas a participarem das aulas de Educação Física, forjando-se assim, uma situação complexa para o grupo, a professora e a própria escola.

**Palavras-chave:** Gênero, Corporeidade, Feminismo, Educação Física.



## **ABSTRACT**

The objective of this study was to understand the corporeality of boys and girls in physical education classes in a public school in the Federal District, located in a community whose socioeconomic profile is low income (Riacho Fund I). The focus of the survey was the gender issue, starting from the initial concern of the precarious participation of girls in the practices of Physical Education. Field research was carried out based on direct observation and informal conversations, as well as interviews, without a definite script. The observed group had XX students, in an age group between 12 and 13 years, of the 6th year of the elementary school. Physical Education classes were observed for a month and a half and the data collection was done from interviews with the students and according to the field notes, focus of the observations made. As a result, it is pointed out that during physical education classes, there is a verification of situations of discrimination between boys and girls, which are evidenced by the segregation of space (use of the single court only by boys); besides the use of discriminatory and prejudiced expressions between both boys and girls, but especially in relation to girls. These aspects are affected by the fact that girls do not feel motivated to participate in Physical Education classes, thus forging a complex situation for the group, the teacher and the school itself.

**Keywords:** Gender, Corporeity, Feminism, Physical Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da escola.....	18
Figura 2 - Entrada da escola.....	18
Figura 3- Vizinhança da escola.....	19
Figura 4- Vizinhança da escola.....	19

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	15
2	Aspectos metodológicos: campo e sujeitos da pesquisa .....	19
3	. Meninos e meninas: discursos e práticas no contexto escolar .....	22
4	Considerações finais.....	37
5	REFERÊNCIAS .....	39
6	ANEXO A – Relatos de campo .....	41



## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre gênero e sexismo são iniciados já na era patriarcal, aonde os homens sempre tiveram total poder sobre as mulheres. “[...] organização social de gênero autônoma, convivendo, de maneira subordinada, com a estrutura de classes sociais” (SAFFIOTI, 1992). Apesar das mudanças e dos estudos que foram atualizados, nota-se que o papel do homem e da mulher não mudou como o esperado e que ainda hoje os homens possuem o maior poder sobre as mulheres, sejam elas suas companheiras em casa, em sala de aula ou até mesmo aquelas que eles nem conhecem. Isso se dá a partir da identidade que biologicamente foi criada a partir da linguagem, por biologicamente o corpo do homem ser diferente da mulher, as mulheres são consideradas como seres frágeis. Socialmente falando, o discurso de fragilidade não foi construído por mulheres, foi enraizado por homens que constrói a identidade das mulheres na sociedade, a identidade e a diferença são criações sociais e culturais. Na educação física é notória essa construção da fragilidade, pois, meninos não querem praticar as mesmas atividades com meninas dizendo que as mesmas não são capazes de executar o movimento ou qualquer coisa que seja da mesma maneira que eles.

A partir disso, podemos falar sobre essência que pode ser definida como aquilo que esta fixa na sociedade, como por exemplo, falar de gênero dentro da escola estaria desconstruindo um movimento de naturalização já está presente na sociedade. As questões sociais sempre são voltadas à essência, seja ele sobre machismo, racismo ou qualquer outra. Dentro da escola essas identidades e essências não são diferentes, já é tão enraizado que as meninas levam consigo a inferioridade em relação às práticas que são mais comuns no meio masculino, como por exemplo, em uma aula de educação física o professor pede para a menina fazer um movimento comum do futebol, antes mesmo de fazer o movimento ou tentar fazer, ela desiste por falar que não consegue e muitas vezes chama um homem da turma para a realização. Sobretudo é importante entender que identidade e essência estão totalmente opostas em relação aos significados, pois, a identidade não é algo fixo como a essência.

Os estudos feministas começaram a partir das mulheres das sociedades de classe que tinham como inquietação estudar a opressão das mulheres nesse momento em que a ausência de direitos e as opressões-submissões eram evidenciadas nas relações entre homens e mulheres. É possível perceber a partir desses primeiros estudos que não é válido relatarmos apenas de uma luta tal como gênero, já que as mulheres sofriam pela sua cor, pela sua etnia e pelas classes que pertenciam. Com foco no gênero, segundo Grossi (2005) é colocado para a sociedade que o H maiúsculo na palavra homem representa qualquer ser humano, mas com a evolução nos estudos de gênero mostra que está falando apenas de uma parte da sociedade que é o masculino. Com base nessa compreensão, entende-se com Haraway (2004, p. 221), que gênero “(...) é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplos terrenos de luta”. Com efeito, gênero é aquilo que diferencia socialmente as pessoas levando em consideração os padrões históricos vividos por cada um dos sexos. Desse modo, gênero não se remete apenas a ideias, mas também a um conjunto de práticas sociais e cotidianas que perpassam diferentes espaços sociais.

Com base nessas compreensões, o presente trabalho tem como temática central a corporeidade e a questão de gênero nas aulas de Educação Física. Teve-se por objetivo investigar a relação entre corporeidade e gênero, considerando a corporeidade de meninas e os processos de interação social (socialização) com os meninos nas aulas de Educação Física de uma escola pública do Distrito Federal. Partiu-se do pressuposto de que, apesar dos avanços em normativas educacionais e, especificamente, no âmbito da educação física escolar, parece ainda haver forte discriminação de gênero nas aulas de Educação Física, notadamente nas práticas corporais de meninas na escola.

A escolha da temática se deu por interesses pessoais e profissionais. No que diz respeito aos interesses pessoais, alguns fatos do meu próprio cotidiano me motivaram a construir esse projeto, posto que em grande parte da minha vida sempre fui estigmatizada como uma menina masculinizada. Esse estigma foi construído por que eu tinha preferência por brincadeiras consideradas “masculinas”, bem como pelo fato de eu “andar” muito com pessoas do gênero masculino. Apesar das provocações e das estigmatizações por mim sofridas na adolescência, posso

dizer que elas não me afetaram no sentido negativo, servindo como um reforço para buscar na minha formação elementos para superação de práticas estigmatizadoras na infância e adolescência.

Do ponto de vista profissional, o interesse da pesquisadora em exercer a atividade docente em escolas públicas do Distrito Federal é um aspecto relevante para a escolha, mas, além disso, durante a prática pedagógica como estagiária alguma percepções como a exclusão das meninas nas práticas corporais durante as aulas de educação física, bem como, uma fala que afirmou que “futebol é para homens” foram elementos que agregaram para a definição da escolha da temática.

O quadro teórico foi construído com base nos conceitos centrais da pesquisa: Educação Física, corporeidade e gênero. Os principais autores que vão ser usados para fundamentar o estudo são: Marta Lamas (1999) com o artigo “os conflitos e desafios do novo paradigma”; Guacira Lopes (2001) com o livro “gênero, sexualidade e educação”; Francis Madlener e Nilson Fernandes (2007) com o artigo “corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física” e David Le Breton (2010) ao tratar do conceito de corporeidade. Além desses autores, os livros Metodologia do Ensino da Educação Física, de autoria de um Coletivo de Autores (1992), e, O que é Educação Física (1988), de autoria de Vitor Marino (1983) também servirão como base para a construção da análise. A consulta ao site integrativo “Centro de referências em Educação Integral” também consistirá em elemento importante da pesquisa.

Com fundamento no quadro conceitual apresentado, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: como se constituem a corporeidade de meninas e os processos de socialização com os meninos nas aulas de educação física de uma escola pública do Distrito Federal?

Para tanto, os objetivos enfrentados foram: Investigar a relação entre corporeidade e gênero, considerando a corporeidade de meninas e os processos de interação social (socialização) com os meninos nas aulas de educação física de uma escola pública do Distrito Federal. E, especificamente,

- Verificar como meninas e meninos interagem nas aulas de educação física no que concerne às práticas corporais e às diferenças de gênero.

- Identificar se há práticas discriminatórias (estigmatizadoras) em falas, discursos, piadas, brincadeiras entre meninas e meninos nas aulas de educação física, tendo-se em conta o espaço-tempo da aula.

Para o alcance dos objetivos propostos e o enfrentamento da questão-problema de pesquisa, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa e de campo com caráter etnográfico, tendo-se como procedimentos: a observação direta, com registros em diário de campo e entrevistas. O estágio supervisionado durou em média um mês e meio para a realização e foi dele que surgiram os relatos feitos para a realização do presente trabalho. Fui inserida na escola através da regional de ensino do Núcleo Bandeirante e pude observar através de relatórios partindo de entrevistas indiretas com os alunos e alunas e também apenas com a observação direta da atitude que os meninos tomavam para com as meninas, desde dentro de sala de aula até nas quadras que eram aonde aconteciam a maior parte das aulas de educação física.

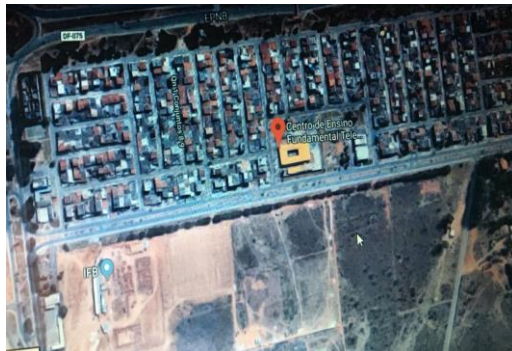
Este trabalho consiste numa pesquisa de campo exploratória, realizada durante aproximadamente 45 dias em uma escola pública do Distrito Federal, situada na região administrativa de Riacho Fundo I. Pretende-se realizar um ensaio etnográfico, consistindo esse exercício com base em um caráter descritivo por meio da observação direta, conversas informais e entrevistas não-diretivas, atentando-se para os processos de socialização de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Vale destacar que a inspiração etnográfica aqui reportada partiu do estranhamento em campo acerca da desistência das meninas com a prática da Educação Física. Desta forma, este trabalho apresenta relatos a partir dos relatos do campo que foi observado.



## 2 Aspectos metodológicos: campo e sujeitos da pesquisa

O sinal da escola Cetelb bate as 13h15, mas os alunos costumam chegar 12h30 para jogar bola no estacionamento da instituição ou ficar batendo cartinha em frente a padaria, que se encontra ao lado da escola. O CEF Telebrasília, mas conhecido como Cetelb do Riacho Fundo 1 é rodeado por comércios onde se encontram um bar, uma padaria, um supermercado e um salão de beleza, além de casas (zona residencial) da população. Trata-se de uma instituição de ensino pública do Distrito Federal, vinculada à Secretaria de Estado da Educação do Governo do Distrito Federal. Está situado numa comunidade de classe média baixa, Riacho Fundo I. Entretanto atende às comunidades: Areal, ADE, Sucupira, Colônia Agrícola Kanegae, Placa das Mercedes, Arniqueiras, e, pontualmente, Valparaíso, Gama, Samambaia, Ceilândia, Recanto das Emas e Riacho Fundo 2. A maioria das famílias pertencentes a tais comunidades é de baixa renda.

### 1 – ESCOLA E REDONDEZAS



Localização da escola, Fonte própria, 2018.



Entrada da escola às 12:30, Fonte própria,

2018.



Vizinhança da escola, Fonte própria, 2018.



Vizinhança da escola, Fonte própria, 2018.

Todo o dia tem um carro de açaí parado no estacionamento da escola e os alunos, principalmente os mais velhos costumam comprar. Quando vai dando 13h o portão da escola é aberto para que os alunos possam entrar, a diretora e o vice-diretor da instituição ficam todos os dias na entrada fazendo a recepção dos alunos e conferindo se os mesmos se encontram de uniforme, aqueles que não estão de uniforme e estão sem alguma explicação dos pais na agenda, precisam voltar para casa, os que possuem a justificativa ganham uma autorização e permanecem na escola pelo período da aula.

A escola possui 710 alunos no turno vespertino que indica o turno que é usado para a realização da coletas de dados, mas no total a escola possui 1.240 alunos. Segundo o Projeto Político Pedagógico “Defendemos uma prática educativa fundamentada numa concepção crítica das relações existentes entre comunidade e educação de forma que todos os membros da respectiva comunidade desejam e se

sintam motivados a implementar uma prática educativa transformadora e participativa, centrada na construção de valores, do saber, do conhecimento e na aprendizagem.

Para a realização da pesquisa escolhemos para as observações e entrevistas meninos e meninas do 6º ano do ensino fundamental. Vale destacar que o público alvo da escola são crianças de classe média baixa, com renda familiar estimada entre 800 e 1500 reais, e que habitam predominantemente, próximo à escola. A escola também atende a crianças que moram em municípios vizinhos do estado de Goiás. A pesquisa ocorreu simultaneamente à realização da disciplina estágio supervisionado, no qual devo cumprir uma carga horária de 90 horas.

É possível perceber rapidamente a ausência dos pais das crianças em relação a escola, pois muitas vezes as meninas e os meninos chegam sozinhos para a aula ou de ônibus escolar, na hora da saída é a mesma coisa, as crianças que moram na redondeza vão andando sozinha para casa e as que moram longe vão de transporte escolar, oferecido pelo governo.

A escola possui duas quadras, uma coberta e outra descoberta. Na coberta tem cestas de basquetes que apesar das más condições podem ser utilizadas. A instituição possui poucas bolas, tem colchonetes para pratica de exercícios e raquetes para jogar tênis. O espaço que a escola possui para Educação Física é muito ruim, pois são três turmas para se dividir nessas duas quadras, a professora na qual eu acompanhei para a realização do estágio, quando esta sem quadra utiliza pátio da escola ou deixa com que os alunos façam a Educação Física com as outras turmas que a maioria das vezes tem a aula livre. Quando os alunos estão inquietos demais, a professora procura artigos na internet.

É o aluno, por meio da convivência escolar, que aprimora e amplia seus valores éticos, morais e afetivos. Devido ao tema principal do trabalho pude observar em primeiro plano algumas situações que chamam a atenção, por exemplo, o fato dos meninos sempre jogarem futebol e as meninas vôlei ou queimada, quando algumas optam pelo futebol os garotos fecham a cara e dizem que preferem jogar sozinhos, além disso, algumas frases que afetam as meninas são faladas durante os jogos, como por exemplo: “chuta igual menininha”, “perdeu a bola pra uma menina,

você é ruim”. E as meninas já se sentem incomodadas por essas piadas e já começam a reclamar dizendo “ele está jogando mais fácil para mim só por eu ser menina”.

Tendo como base o Plano Político Pedagógico da escola, é frequente que alunos novatos entrem na escola em qualquer época do ano e que o acompanhamento familiar não acontece como a escola gostaria que acontecessem, por esse motivo, as crianças mesmo que resolvem seus problemas tanto com os outros colegas tanto quando são encaminhadas à direção. Além disso, o plano relata que o maior enfrentamento da escola para com os alunos é a crise dos valores éticos e morais dentro da escola e por essa quantidade indeterminável de alunos durante o ano a indisciplina cresce gradativamente durante o ano letivo. A comunidade que a escola está inserida oferece grande risco de envolvimento das crianças com o tráfico de drogas e apesar da melhora da escola, esse é o principal quesito que ainda sim influencia o grande desrespeito dos alunos para com os professores, ou entre eles mesmos.

Ainda dentro do PPP da escola, colocam como função social a valorização de conhecimentos acadêmicos, étnicos e cita gênero, que durante as observações não é possível perceber essa preocupação, já que o aluno Richard relata que a escola não toma nenhuma providência em relação à exclusão dos meninos com ele nas aulas, principalmente, na aula de educação física aonde ele prefere fazer a aula com as meninas do que com os meninos, já que a aula é obrigatoriamente separada por gênero.

### **3. Meninos e meninas: discursos e práticas no contexto escolar**

Este capítulo tem por objetivo verificar como meninos e meninas interagem nas aulas de educação física no que concerne às práticas corporais e às diferenças de gênero, bem como identificar se há práticas discriminatórias (estigmatizadoras) em falas, aqui entendidas como discursos entre meninas e meninos nas aulas de educação física, tendo-se em conta o espaço-tempo da aula. Para tanto, faremos o cotejamento das informações obtidas em campo, com o quadro teórico utilizado.

Grigorowitschs (2008), em um artigo publicado na Revista Educação & Sociedade, apresenta uma apropriação interessante do conceito de socialização, tomando por base mediações entre Simmel e Mead, dois autores clássicos que discutem a temática no âmbito da sociologia. A recuperação das abordagens conceituais desses autores se apresenta para a autora como uma oportunidade de fugir de uma máxima que considera a socialização como um conceito preso à condição de subjugamento da criança ao mundo do adulto, por meio de um viés adultocêntrico da análise. Para ela, a recuperação de Simmel e Mead permitirá que a relação indivíduo-sociedade seja mediatizada e que as crianças possam ser vistas como sujeitos no processo. São palavras da autora:

(...) procuro demonstrar como as concepções de socialização em Simmel e Mead permitem pensar a infância como um período específico dos processos de socialização, cunhado por formas de interação específicas, nas quais as crianças desempenham papéis ativos na construção de seus *selves* individuais e da sociedade e cultura em que estão inseridas (GRIGOROWITSCHS, 2008, p. 36).

A constituição desse processo de socialização se dá por meio da corporeidade dos sujeitos, que significam suas práticas, como afirmam os autores:

Assim, a corporeidade constitui-se das dimensões: física (estrutura orgânica-biofísica-motora de organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-pulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, ideia, consciência) e a sócio-histórico-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade. É neste sentido que buscamos a compreensão da complexidade humana, tanto em nível individual quanto em nível social. (JOÃO E BRITO, 2004, p.07)

Com isso, podemos dizer que a corporeidade não está apenas ligada ao corpo, mas também ao emocional e às atitudes que as pessoas podem tomar ou não. Através dessa corporeidade podemos alcançar a junção da mente e corpo,

sensível e inteligível, emoção e razão, espírito e matéria, todos dentro da área pedagógica, principalmente da educação física na escola. Apesar de a educação física ser uma disciplina capaz de propor essa junção, ainda esta totalmente ligada ao corpo e os profissionais muitas vezes não estabelecem as junções necessárias para o alcance de uma compreensão emocional através das atividades propostas.

É importante ressaltar que:

... o corpo-objeto da educação física ceda lugar para o corpo sujeito da Educação motora; o ato mecânico no trabalho corporal da educação física ceda lugar para o ato da corporeidade consciente da educação motora; a busca frenética do rendimento da educação física ceda lugar para a prática prazerosa e lúdica da educação motora; a participação elitista que reduz o número de envolvidos nas atividades esportivas da educação física ceda lugar a um esporte participativo com grande número de seres humanos festejando e se comunicando na educação motora; o ritmo padronizado e uníssono da prática de atividades físicas na educação física ceda lugar ao respeito ao ritmo próprio executado pelos participantes da educação motora". (MOREIRA, 1995, p. 101).

Os seres humanos de uma maneira geral sabem servir-se do seu próprio corpo e essa maneira de servir-se é passada de sociedade em sociedade e denomina-se de técnicas corporais. Além disso, cada sociedade tem seus hábitos, fazendo com que a sociedade tenha sua maneira única de desenvolver habilidades corporais (MAUSS, 1934).

É um meio de manipular ou de transformar elementos do meio natural não humano com o objetivo de controlar ou aumentar o domínio desse meio... terá sempre, portanto, um agente, uma matéria-prima e, eventualmente, um instrumento. [...] admitir-se, portanto, que estamos perante técnicas do corpo, sempre que um agente, uma matéria-prima e um instrumento se encontrem reunidos num só lugar. Uma técnica deve, assim, ser considerada como um conjunto de gestos, um conjunto interpenetrado de ações, encadeadas entre si, que não podem ser analisadas separadamente umas das outras e onde existem fases distintas de execução e de valor (Hasse, 2001, p.5).

Toda técnica existe uma aprendizagem por trás e essa aprendizagem é dificilmente modificada quando adulto, por isso, as técnicas corporais devem ser

trabalhadas e aprimoradas na infância e as aulas de educação física exercem grandes papéis no desenvolvimento dessas técnicas corporais, já que os atos de saltar, correr, andar, nadar, entre outros, podem ser trabalhados e introduzidos em cada criança. Então, a técnica corporal de cada indivíduo faz parte da sua identidade e assim como é passada de sociedade em sociedade também é passado hereditariamente, ou seja, a criança observa um adulto que tenha autoridade sobre ela praticando atos que obtiveram sucesso e conseqüentemente elas passam praticar aqueles atos, e assim sucessivamente. Segundo Mauss o corpo é um lugar de aprendizado e as técnicas corporais estão diretamente ligadas à “noção de pessoa”. Hasse ressalta que:

[...] deste modo, [as técnicas do corpo estão] no centro da vida coletiva, elas são, como qualquer técnica, geradoras de relações sociais, favorecem a aproximação, a ligação, a identidade entre os indivíduos, refletem relações sociais que lhes estão associadas, e são próprias da vida cotidiana, onde se desenrolam e cumprem funções fundamentais aos níveis mais elementares da vida coletiva. É através das técnicas que se concretizam os fios do social e atos verdadeiramente essenciais tanto aos indivíduos quanto à comunidade (Hasse, 2001, p.6).

Essas técnicas corporais podem sofrer alteração conforme o contexto social de cada cultura, tendo assim, culturas e técnicas dinâmicas aonde se adaptará ao meio a qual pertence. Geertz diz que, “[...] assim como a cultura nos modelou como uma espécie única- e sem dúvida ainda nos está modelando- assim também ela nos modela como indivíduos separados” (1989, p. 65).

A cultura é pautada em desempenho de papéis, e os meninos e meninas já nascem com os papéis pré-estabelecidos e diante desses papéis que se formam. Ao desempenhar esses papéis e estarem envolvidos numa sociedade, os papéis praticados se tornam parte do mundo do indivíduo, por isso, acontece à falta de empatia na diferença de sexo.

Portanto, diante das técnicas corporais e das culturas, pode-se concluir que o aperfeiçoamento do sucesso nas modalidades esportivas e em qualquer ramo da vida, depende da estimulação que aquele corpo recebe e não do gênero

pertencente. Por isso, na escola as crianças precisam ser estimuladas igualmente, para que possam se desenvolver da mesma maneira. Tratando também da distribuição de papéis é notório até mesmo dentro de casa quando se trata de brincadeiras com o pai e com a mãe, as brincadeiras com os pais tendem a ser mais ativas (onde eles levantam as crianças, fingem que elas voam, jogam bola..) enquanto com as mães tendem a ser passivas (contam histórias, fazem a comida, senta para dar o almoço, brinca de casinha...). Bourdieu ressalta em seu livro:

A ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos). As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e, na colheita das azeitonas, são elas que as juntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-las cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais. (BOURDIEU, 2012, p. 34).

Como um campo disciplinar, a Educação Física se apropria dos valores sociais construídos e acaba por adotá-los, muitas vezes, sem grande reflexão. Numa perspectiva crítica, a Educação Física é entendida como um “campo” de intervenção e produção do conhecimento que tem como objeto de estudo a cultura corporal. A cultura corporal compreende um conjunto de práticas corporais, que são enunciados pelo Coletivo de Autores (1992), como o esporte, a dança, o jogo, a ginástica e as brincadeiras, que são experienciadas no espaço escolar.

O Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992, p. 62) abordou o conceito a partir da lógica Materialista-Histórico-Dialética, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se



interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/ objetivos da sociedade”.

Assim, ao se tratar de uma Educação Física que se materializa na escola, deve-se ressaltar que as realidades escolares, bem como seus cotidianos são diversificados e estão relacionados ao espaço sociocultural em que as instituições escolares se inserem.

Nesses espaços, questões que se remetem às expressões de corporeidades dos sujeitos e a diversidade étnico-racial e de gênero devem ser considerados como dimensões de pluralidade que retratam os contextos sociais. Notadamente, esses padrões históricos vividos por cada um dos sexos são manifestos nas corporeidades dos sujeitos (meninas e meninos na escola), razão que em suas interações sociais revelam padrões heterocisnormativos em suas falas, práticas e discursos. A interação social é um conceito que determina as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais. É a partir da interação social que os seres humanos desenvolvem a comunicação e criam relações uns com outros.

Durante a realização da pesquisa, a fala de um dos sujeitos pesquisados, Richard nos chama à atenção. Percebi que Richard estava deslocado e procurando participar do grupo das meninas, então perguntei.

Eduarda: - Richard, por qual motivo você não quer fazer a aula com os meninos?

Aluno: - por eu ser diferente, eles zombam de mim e não deixa com que eu toque na bola e me sinto bem jogando com as meninas, pois elas me entendem.

Eduarda: - você é diferente em que e qual é o motivo das meninas te entenderem?

Aluno: - sou afeminado e eles sabem disso, as meninas que jogam com eles passam pela mesma situação que a minha, por isso devem me entender, ou então só gostam de ser minhas amigas mesmo (ENTREVISTA 1, Richard, 2018)

Como se percebe na fala do entrevistado, os processos de exclusão por parte dos meninos inclui tanto meninas quanto meninos que não se identificam como tal, como é caso do Richard, que em sua fala registra que o fato de ser afeminado o impede de participar das atividades juntamente com os demais colegas. Veja-se que os processos de socialização constituem-se de interações e que os conceitos, valores, autoconceitos e estruturas individuais da personalidade se desenvolvem de maneira dinâmica nesses processos e seguem a lógica de uma transformação ligada a práticas sociais que ocorrem desde a infância (Veith, 2002, p. 169), porém no caso do Richard e das meninas por ele mencionadas, esse processo de interação pressupõe a exclusão e muitas vezes a discriminação.

Dai surge o questionamento. E em casos de exclusão no espaço escolar das aulas de Educação Física, como se dá a intervenção do professor e da escola? Fato é que muitas vezes escola não promove qualquer tipo de acolhimento a essas crianças que se sentem diferentes umas das outras, apesar de a necessidade de acolhimento das diferenças estar prevista em seus projetos político-pedagógicos.

“O Centro de Ensino Fundamental Telebrasília do Riacho Fundo I tem como missão atuar efetivamente para o desenvolvimento integral do educando no que se refere à valorização do conhecimento acadêmico, ao respeito às diversidades culturais, étnicas, sociais, afetivas, de gênero, religiosas e políticas e à formação ética e moral do indivíduo, além da construção de uma consciência ambiental calcada na sustentabilidade.” (PPP, 2018, P. 13)

Também ao longo da pesquisa, percebi no trabalho de observação que as alunas que queriam participar de outras modalidades (aquelas que incluem meninos) questionavam muito a professora em relação a não acontecer uma aula mista e o conteúdo das aulas ser sempre o mesmo “meninos pra cá e meninas pra lá”. “É sempre a mesma coisa”.

Veja-se as notas de campo a seguir:

As meninas que se arriscam a participar das atividades que são consideradas de menino, em todas as minhas observações, sofreram com piadas e com desprezo ao entrarem em quadra.

Quando a menina precisa pegar a bola próxima a eles, eles ficam debochando de quem ela tirou do time perdedor “nossa, você saiu para uma menina”, ela consegue jogar uma ou duas partidas por que começa a se

sentir mal dentro de campo e ela mesma decide se retirar (NOTAS DE CAMPO, 2018).

Em uma conversa informal com essa menina, ela relatou que:

faz futebol fora da escola para poder jogar pelo time feminino, mas que não se sente confortável jogando com os meninos da escola, pois eles são muito machistas com ela e preferem que ela não jogue, além do mais, disse que prefere sair de quadra antes que eles mesmos a tirem.” (CONVERSA INFORMAL 1, 2018).

A pesquisa foi realizada durante o período eleitoral de 2018, eleições presidenciais, em que um dos candidatos defendia o armamento da população. O teor desse discurso foi absorvido no contexto escolar como segue:

“as armas precisam ser liberadas pra gente matar essas meninas, e esses meninos que querem ser meninas” (NOTAS DE CAMPO, 2018).

É importante destacar que neste mesmo ano o Brasil ocupou o quinto país a ter a taxa de feminicídio crescente. Segundo a OMS (organização mundial da saúde), o número de assassinatos chega a 4,8 para cada 100 mulheres.

“O Mapa da Violência de 2015 aponta que, entre 1980 e 2013, 106.093 pessoas morreram por sua condição de ser mulher. As mulheres negras são ainda mais violentadas. Apenas entre 2003 e 2013, houve aumento de 54% no registro de mortes, passando de 1.864 para 2.875 nesse período.”

A esse respeito merece destaque a condição de apropriação do discurso do candidato e a imediata aplicação para a intolerância com aqueles e aquelas que não se identificam com o que é hegemônico ou com um comportamento padrão estabelecido. No livro “sejamos todos feministas” (2015) Chimamanda Ngozi deixa claro que as lojas tendem a ser machistas até mesmo na seção de brinquedo e mostra-se admirada como a divisão de sexo começa tão cedo:

... olhei a seção de brinquedos, também organizada por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são “ativos”, pedindo algum tipo de

“ação” – trens, carrinhos -, e os brinquedos para meninas geralmente são “passivos”, sendo a imensa maioria bonecas. Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido ainda como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser um menino e do que deve ser uma menina (NGOZI, 2015, p. 24).

Nesse sentido, podemos pensar em “prática efetiva” que é tratada como a participação dos alunos da aula de educação física, além dessa prática, existe a prática “mascarada”. Com efeito, os meninos têm participação ativa nas práticas e as meninas geralmente mascaram sua participação (UCHOGA E ALTMANN, 2015). Mais uma vez aparece a afirmação de que os meninos se movimentam mais que as meninas e conseqüentemente participam mais efetivamente das aulas.

Segundo Duarte (2003, p.4) as aulas de educação física podem evidenciar uma relação de poder já que a tendência é alcançar resultados já esperados, que faz com que os meninos sejam superiores as meninas, pois fortalece o poder de um sexo só, já que o menino tem mais voz tanto em sala de aula quanto dentro de quadra, ainda mais quando o assunto é um esporte que naturalmente tem um domínio mais masculino do que feminino. Além do mais, Pereira (2004) diz que as instituições estimulam a separação por sexo, fazendo com que a separação fique eternizada nas crianças e isso irá refletir diretamente em suas atitudes, palavras e comportamento durante as aulas, não só de Educação Física. Além do mais, fica claro que a esportivização é a maior responsável pela separação de gênero:

Esta esportivização da educação física contribui para reforçar estereótipos e perpetuar características que erroneamente têm sido vinculadas a cada sexo, excluindo a mulher da sua prática e ocasionando-lhe desmotivação para realizar atividades físicas (DURAN, 1999, p.36).

Complementarmente cita-se a autora:

Ao converter o esporte conteúdo principal da educação física, faz-se com que essa disciplina seja discriminatória e sexista, já que o esporte tem-se caracterizado como uma atividade própria dos homens e um meio para reforçar sua “virilidade” (DURAN, 1999, p.88).

Nesse sentido de esportivização a educação física deixa de ser vista pelos alunos como uma matéria com a finalidade de passar conteúdos e passa a ser enxergada como uma matéria que é feita para gerar competição, mostrar habilidades, enfrentamentos públicos e coletivos. Assim, valida os valores considerados como atributos masculinos dominantes (DUNNING; MAGUIRE, 1997).

Como já é de se esperar, na sociedade, os homens são vistos ocupando cargos que envolvem economia e política já as mulheres são vistas, na maioria das vezes, ocupando cargos que envolvem a domesticidade e reprodução. Apesar de algumas mudanças com o crescimento do movimento feminista, essa segregação no ambiente de trabalho ainda é grande o bastante já que as mulheres são mal pagas e desprivilegiadas. O trabalho para mudança de visão das crianças é extremamente árduo, já que a menina não sabe o papel que deve desempenhar para não se diminuir diante do menino, e o menino age “naturalizando” seu comportamento cultural, muitas vezes, por proteção ou por repetição hereditária. Por culpa social as meninas se esquivam de jogos e brincadeiras por não se sentirem capazes de realizar tal ato quando tem meninos participando junto.

Devido ao patriarcado, na escola, esse machismo não é diferente, os meninos agem como se fossem superiores as meninas desde a sala de aula até o retorno à sala, em um relato da coleta de dados, isso pode ser evidenciado no relato a seguir:

Uma menina em específico de uma turma de 6º ano gosta de jogar bola com os meninos (sejam eles da turma dela ou não) e daí começa a surgir piadas contra a garota, nos disseres “parece que é homem”, “não perde a bola pra uma menina, isso é vergonhoso” e durante todo o jogo ela nem encosta na bola, a não ser que ela mesma roube do time adversário, o próprio time não toca para ela e quando é hora de entrar próximas pessoas para jogar, ela mesma já se retira da quadra para não precisar ser escolhida para sair” (NOTAS DE CAMPO, 2018)

É claro no meio futebolístico esse machismo, tendo em vista que a copa feminina de futebol existe desde 16 de novembro de 1991 e só vai ser televisionada pelas grandes emissoras em 2019, mesmo assim, algumas emissoras

televisaram apenas jogos da seleção brasileira, deixando de lado todo o restante do campeonato. Apesar da evolução para as mulheres, a copa feminina esta muito atrás da masculina em questão de reconhecimento e respeito, pois, é comum ouvir comentários da aparência ou do corpo feminino quando o jogo esta acontecendo e nunca da habilidade que essas mulheres possuem e quando é comentado sobre a habilidade é com espanto, como se uma mulher fosse incapaz de jogar tão bem quanto um homem. Tanto na escola como no futebol, essas mulheres que conseguem desenvolver habilidade têm a sua sexualidade questionada, sendo ligada sempre a masculinidade. Mas não é de se estranhar, tendo em vista que durando o governo Vargas o decreto, no seu artigo 54 dizia: “[...] às mulheres não se permitirão a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.

Diante das coletas de dados na escola e dos estágios já feitos ao longo da graduação, é possível observar como a aula de educação física é drasticamente separada para meninos e para meninas, desde a fila até mesmo aos esportes passados para as crianças pela professora. Aquelas meninas ou aqueles meninos que não se sentem a vontade para praticar o esporte que é oferecido basicamente como uma obrigação, se sentam fora da quadra e ficam no celular, ou seja, quando a criança não quer ou não tem habilidade para praticar aquilo que a sociedade coloca como uma obrigação perante o sexo, a criança acaba sendo desestimulada a fazer qualquer pratica que seja.

Durante a pesquisa de campo foi nítido que essa prática efetiva depende dos conteúdos que são passados, além disso, os meninos se desempenham em todas as práticas que são propostas na aula e as meninas têm certa barreira em aceitar atividades que precisam de grande movimento, muitas vezes elas deixavam de se movimentar ou de arremessar/chutar a bola para o gol, por acreditarem que os meninos tinham melhores desempenhos, por isso, elas chegavam à frente do gol e passavam a bola para os meninos. E mais uma vez, apenas os meninos tiveram a vivência do esporte, praticaram o deslocamento e puderam aprimorar suas técnicas. Na escola que foi realizado a coleta de dados, as aulas raramente eram mistas reforçando assim a separação de gênero na escola e nas aulas de educação física.

Propus uma atividade mista para as meninas interagirem com os meninos da mesma forma que interagem entre si e o relato foi:

“Nenhuma menina da turma quis participar da brincadeira, pois questionam que os meninos não passam a bola e que na hora de queimar, jogam a bola com muita força e acaba machucando as meninas. A professora não toma atitude nenhuma, pois diz que não adianta falar com eles. Então mais uma vez, as meninas ficam sentadas mexendo no celular e os meninos participando da brincadeira proposta.” (NOTAS DE CAMPO, 2018)

Algumas das teóricas feministas abordam uma forma de desconstrução das mulheres diante dessas atitudes machistas:

... as psicólogas feministas têm indicado, além disso, o quanto é significativo, para as mulheres, a experiência de crescer em uma sociedade em que os membros de um sexo são de muitas maneiras menos valorizadas e subordinadas aos do outro sexo. A partir do momento em que admitimos a ideia de que as diferenças significantes entre mulheres e homens são criadas pela divisão de trabalho existente na família, nós começamos a perceber a profundidade e a amplitude da construção social do gênero. Explicações como essas para a diferença entre os sexos em termos de aspectos centrais da própria estrutura social revelam a impossibilidade de desenvolver uma teoria política humana, em oposição a uma teoria patriarcal ou masculina, sem incluir a discussão sobre gênero e seu eixo principal, a família (MOLLER, 2008).

Tendo em vista a pouca participação das meninas nas aulas, desde infantil até o ensino médio, elas saem em desvantagens em desempenhar papéis no meio esportivo. Por esse motivo, os meninos se destacam sempre nas atividades propostas pela professora da turma, pois eles aceitam os estímulos que estão lhe oferecendo e continuam sendo estimulados durante toda infância e vida. Logo, os meninos tendem a ser mais ativos do que as meninas em grande parte da vida.

[...] o conflito de uma aula “mista” e a justificativa para a separação por sexo, é argumentado sobre o fato de que as meninas não conseguem acompanhar, praticar com o mesmo empenho e competência o esporte, que os meninos. E ainda, que as meninas choram e reclamam muito (são mais sensíveis). E os meninos, quando jogam com as meninas, para não perder o jogo, têm que se empenhar por eles e por elas. A busca de uma solução aqui parece ser a

saída para a alternativa clássica: a ginástica e os esportes individuais (UCHOGA, 2012, p. 16).

No local aonde foi feita a observação é notório o abandono das meninas em relação às aulas de educação física, e pode-se concluir que a maioria desses abandonos se dá pelo fato da falta de credibilidade que os meninos da turma demonstram por elas. O profissional de educação física tem um grande enfrentamento pela frente, até por que é natural no meio da sociedade que os meninos sejam ativos enquanto as meninas são passivas, então, a maioria dos profissionais quando são colocados em uma situação como essas mencionadas anteriormente, não sabem como agir e mais uma vez os meninos da turma pegam o controle da situação e dominam a aula. Susan Moller traz uma análise sobre sermos político e diz:

Nós queremos dizer, primeiramente, que o que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica do poder, que tem tipicamente sido vista como a fase distintiva do político. E nos também queremos dizer que nem o domínio da vida doméstica pessoal, nem aquele da vida não doméstica, econômica e política, podem ser interpretados isolados um do outro [...] Portanto, as feministas afirmam que a distinção liberal existente entre o público e o doméstico é ideológica no sentido de que apresenta a sociedade a partir de uma perspectiva masculina tradicional baseada em pressupostos sobre diferentes naturezas e diferentes papéis naturais de homens e mulheres, e de que, como concebida atualmente, não pode servir como um conceito central a uma teoria política que irá, pela primeira vez, incluir todas nós. (MOLLER, 2008, p. 315)

Ao assumir esses papéis quando o esporte é um jogo ativo, as meninas deixam de envolver habilidades, táticas e capacidade físicas, diferente dos meninos e isso é o que faz essas práticas serem naturalizadas, pois independente do gênero, a participação afetiva na atividade faz com que as crianças sejam desenvolvidas em diferentes formas de habilidades e capacidade corporal (UCHOGA E ALTMANN, 2015).

Vale destacar que essa condição de discriminação das meninas durante as aulas de Educação Física não é algo recente, sobretudo porque as práticas



corporais são construções históricas e sociais que se remetem a contextos culturais determinados, como ressalta a autora a seguir:

Ainda que se traduzam em uma manifestação cultural de grande abrangência na vida moderna, há de se referenciar que as práticas corporais e esportivas não são uma invenção do presente, possuem história. História feita pela ações de diferentes homens e mulheres que a seu tempo realizaram ações que consolidaram estas prática inspirando, desta forma, o que hoje vivenciamos (GOELNNER, 2009, p. 75).

Finco (2003, p.99) destaca que a escola é uma grande participante na construção da identidade de gênero das crianças e por esse motivo torna desigual a convivência entre homens e mulheres, pois ressalta que essa construção que deve acontecer desde o ensino infantil não acontece nem mesmo no ensino médio. Mesmo que a escola não seja imparcial, ela prefere silenciar essas questões. Essa constante defesa dos estereótipos para o gênero fortalece a ideia do que é ser menina e do que é ser menino, pois faz com que essas expectativas diante dos gêneros sejam direcionadas.

Diante dos questionamentos apresentados anteriormente, pode-se dizer que as meninas levam desvantagens em relação aos meninos tanto nas aulas quanto nas práticas corporais do dia a dia. O machismo de fato é implantado nas crianças e passado de geração em geração, assim pode ser observado em um diálogo da turma que foi observada:

“As crianças do 6º ano quando esse tipo de situação acontece começam a brigar entre si e se falam muito palavrão, e em uma pequena intervenção que pude fazer eu perguntei aonde eles aprendiam esse tipo de linguagem e se era normal um homem falar tão grosso com uma mulher no nível que os meninos falam com as meninas, e um dos alunos rapidamente respondeu “meu pai fala assim com minha mãe e me ensinou que esse é o jeito de se falar com uma mulher quando ela não esta me respeitando” (Magela Eduarda, 2018).

Além disso, as meninas optam sempre por atividades que já são acostumadas a praticar por terem na cabeça e arrisco dizer que no próprio corpo que não conseguem fazer as mesmas atividades que os meninos, ou seja, a aula mista não acontece no local da observação. As meninas costumam jogar vôlei e os meninos futebol e essa ordem nunca é invertida.

Apesar da escola utopicamente ser um ambiente aonde as crianças encontrem esperança e permita-as sonhar ela continua sendo um aspecto limitador principalmente escolas que possuem uma comunidade carente. Isso é extremamente prejudicial para a educação dessas crianças já que a escola é o único meio de educação que a criança possui (Falcão e Saraiva, 2009)

Durante a minha presença como estagiaria a reversão dos jogos para meninas e meninos nunca foi feita, ao contrário disso, quando as meninas cansavam de praticar o que era oferecido durante todo o semestre (queimada), elas eram colocadas para jogar futebol, o que todas as vezes levaram as meninas a desistir de praticar algo diferente e voltarem para a rotina de sempre ou para o celular fora de quadra. O acolhimento das crianças poderia ser feito pela presença dos pais na avaliação que acontece semestralmente ao PPP da escola, porém, os pais são poucos frequentes na escola.

#### 4 Considerações finais

Diante do apresentado, pode-se concluir que apesar de comportamentos serem separados por gênero e reforçar uma ideologia dominantes sendo assim conteúdos ideológicos, eles não se materializam na realidade. Apesar dos avanços que os movimentos feministas já alcançaram e vem alcançando com o passar do tempo, as afirmações perante a inferioridade da mulher mudou pouco, principalmente, no meio das crianças que pôde ser observadas, essas crianças repetem comportamentos que lhe são apresentados por pessoal que as mesmas convivem. Além do mais, as meninas que são ameaçadas pelo machismo dentro da escola, não sabem como reagir a situações que de fato as ameaçam, pois, estão condicionadas a aceitar tais comportamentos dos meninos com as mesmas.

Verificou-se, conforme a pesquisa, que não apenas as crianças, mas igualmente os profissionais de Educação Física estão condicionados a aceitar esse tipo de comportamento e por isso, não interferem nas práticas preconceituosas e optam pela comodidade de manter a suas aulas separadas por gênero, tendo assim, menos problema em relação às brigas entre meninos e meninas. Sem essa mudança de comportamento e esse desempenho de papéis que são atribuídos aos meninos, meninas e aos profissionais a situação não irá mudar, os meninos vão continuar ocupando o espaço da quadra e praticando suas atividades (esporte e jogo), enquanto as meninas vão continuar sendo excluídas das atividades por omissão da escola.

O objetivo do trabalho foi alcançado, pois é possível observar durante todo o relato que há falas preconceituosas no meio da aula de educação física e que diante de toda a observação os meninos são mais ativos que as meninas em todas as modalidades propostas pela professora, mesmo que essa modalidade não saia do futebol, mas ao correr, saltar e até mesmo caminhar essa observação é confirmada. Por isso, é notório a pouca interação nas aulas propostas tanto na escola observada quanto nos estudos que já foram realizados em relação a pouca adesão de meninas à aula.

Com isso, os estímulos aos meninos são mais eficientes que nas meninas e conseqüentemente, atividades ativas, desenvolvimento motor, desenvolvimento afetivo, continuam sendo diferentes em relação ao sexo e um sendo sempre dominante em relação ao outro, que nesse caso, seria os meninos sempre dominantes às meninas.

Dessa forma, apesar de atualmente podemos ver alguns avanços em relação, por exemplo, à representatividade do futebol feminino na televisão, e mesmo diante dessas conquistas ainda podemos observar comentários machistas na fala até dos próprios comentaristas. Observando, assim, que ideal está longe de ser conquistado, já é possível ver um avanço em várias outras áreas quando se trata de gênero, porém, dentro da escola esse avanço ainda não tem acontecido, principalmente pela separação por gênero durante as aulas.

## 5 REFERÊNCIAS

GRIGOROWITSCHS, Tamara. **O CONCEITO “SOCIALIZAÇÃO” CAIU EM DESUSO? UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO NA INFÂNCIA COM BASE EM GEORG SIMMEL E GEORGE H. MEAD.** 2008. Acesso em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n102/a0329102.pdf>

COLETIVO DE AUTORES. 1992. Acesso em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n2/08.pdf>

LAMAS, Marta. **Os conflitos e desafios do novo paradigma.** 1999. Acesso em: <https://pt.slideshare.net/JuniorJr1/lamas-1999-os-conflitos-e-desafios-do-novo-paradgma>

LOPES, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação.** Editora Vozes, 1998.

GROSSI, Miriam. **IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE.** Acesso em:

[http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935\\_identidade\\_genero\\_revisado.pdf](http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf)

SILVA, Tomaz. **A produção social da identidade e da diferença.** 2000.

GEERTZ, Clifford. **Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa.** Páginas 279 a 321.

BERGER E LUCKMANN. **A construção social da realidade.** Petrópolis. Editora Vozes. 1999.

GRANDO, Beleni. **Corpo, educação e cultura.** Ijuí. Editora Unijui. 2009.

NGOZI, Chimamanda. **Para educar crianças feministas.** Campanha das letras. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** Editora LTDA – ME. 1950.



## 6 ANEXO A – Relatos de campo

04/09/2018 de 13h15min às 18h15min

A escola possui duas quadras, uma coberta e uma descoberta. Na coberta, tem cestas de basquete que podem ser utilizadas. O espaço da instituição é ruim para as aulas de Educação Física, pois são três turmas no mesmo horário para compartilhar as duas quadras, quando uma das professoras fica sem quadra, o pátio é utilizado para a aplicação das aulas que a maioria das vezes é aulas livres. Os meninos ficam jogando bola e as meninas em sua maioria em sua maioria ficam sentadas mexendo no celular. Pude acompanhar as turmas de 6º ano do ensino fundamental e em todas as salas acontecem piadas dos meninos para as meninas, do estilo “ela está de TPM”, “é muito menininha” e outras. Além disso, os meninos utilizam da sua melhor habilidade com a bola de futebol para assustar as meninas, principalmente, as garotas que demonstram algum medo do objeto. Apesar dos meninos deixarem as meninas jogarem futebol com eles, eles não deixam com que elas toquem na bola durante o jogo e ficam dentro de quadra torcendo pra que elas percam para assim jogar com um menino que na opinião dos mesmos jogam melhor que as meninas.

20/09/2018 de 13h15min às 18h15min

As decorrer dos jogos (futebol, queimada, tênis...) as meninas percebem que os meninos estão facilitando para elas poderem jogar e as meninas se sentem como inferior à eles, saem dos jogos dizendo “ele jogou assim só por eu ser menina” , na maioria das vezes as crianças repetem tudo que aprendem em casa e trazem para escola como uma normalidade. As crianças do 6º ano quando esse tipo de situação acontece começam a brigar entre si e se falam muito palavrão, e em uma pequena intervenção que pude fazer eu perguntei aonde eles aprendiam esse tipo de linguagem e se era normal um homem falar tão grosso com uma mulher no nível que os meninos falam com as meninas, e um dos alunos rapidamente respondeu “meu pai fala assim com minha mãe e me ensinou que esse é o jeito de se falar com uma

mulher quando ela não esta me respeitando” e então já começou uma discussão entre ele mesmo e as meninas das salas, aonde elas diziam que só merecem ser mau tratadas se estiverem erradas, outras falavam que nem erradas merecem ser maltratadas e nisso a maioria dos meninos concordavam com a primeira fala dita pelo colega.

25/09/2018 de 13h15min às 18h15min

Devido ao sol muito quente nesse horário da tarde, os alunos ficam livres e dividem a quadra coberta entre vôlei e futebol, poucos alunos praticam essas atividades, esses que não praticam ficam sentados mexendo no celular ou jogando adedonha em folha de papel. As meninas jogam vôlei e os meninos futebol como de costume, pois nenhuma das professoras tenta inverter essa

ordem. Uma menina em especifico de uma turma de 6° ano gosta de jogar bola com os meninos (sejam eles da turma dela ou não) e daí começa a surgir as piadas contra a garota, nos disseres “parece que é homem”, “não perde a bola pra uma menina, isso é vergonhoso” e durante todo o jogo ela nem encosta na bola, a não ser que ela mesmo roube do time adversário, o próprio time não toca para ela e quando é hora de entrar próximas pessoas para jogar, ela mesmo já se retira da quadra para não precisar ser escolhida para sair.

02/10/2018 de 13h15min às 18h15min

Mais uma vez os meninos jogam futebol e as meninas jogam vôlei. Na primeira turma do dia apenas uma menina quer jogar bola e apesar da cara feia de alguns meninos, eles deixam com que ela jogue, mas ficam rindo quando a menina não consegue dominar a bola e ter o controle sobre a mesma, quando a menina precisa pegar próxima eles ficam debochando de quem ela tirou do time perdedor “nossa, você saiu para uma menina”, ela consegue jogar uma ou duas partidas por que começa a se sentir mal dentro de campo e ela mesmo decide se retirar. Em uma entrevista indireta ela relatou que faz futebol fora da escola para poder jogar pelo time feminino, mas que não se sente confortável jogando com os meninos da escola pois eles são muito machistas com ela e preferem que ela não joga, além do mais, disse que prefere sair de quadra antes que eles mesmo a tirem.



04/10/2018 de 13h15min às 18h15min

A professora dividiu a turma em grupos para a apresentação do trabalho final do semestre, como o grupo não foi escolhido pelos próprios alunos, tiveram grupos que saíram apenas com uma menina entre todos os meninos, e foi possível observar a revolta desses meninos falando que tem apenas uma menina no meio de grupo deles. “Questionei a atitude deles e perguntei o porquê da frase “a não tem uma menina no grupo” e a resposta dos meninos do grupo foi “ é estranho ter só ela de menina no meio da gente” e apesar de eu continuar com meu questionamento sobre a atitude dos meninos, os mesmos não conseguiram se justificar. Chamei a menina na qual estava neste grupo e perguntei se ela se sentia incomodada assim como os meninos e a resposta foi que isso era normal e que tem que ter a convivência entre meninas e meninos para eles aprenderem que se deve respeitá-las. Além disso, o menino que mais questiona a presença da menina no grupo é o mesmo que implica outras meninas dentro de sala de aula e diz frases do tipo “seu lugar é na cozinha”, “você e nenhuma mulher tem força pra me bater”, algumas meninas da sala chegam a chorar com

as “piadas” que ele faz. (chamei o garoto para conversarmos sobre os relatos das meninas em sala de aula e o mesmo se recusou).

18/10/2018 de 13h15min às 18h15min

Quando algum aluno está com raiva ficam tristes ou qualquer situação que envolva o emocional, uns grupinhos em específico dentro de sala de aula ficam tirando piada da cara de quem se chateou com frases como “para de ser menininha”, “parece uma menina”. Nessa época de eleição os alunos ficam se implicando entre si e falam coisas do tipo “as armas precisam ser liberadas pra gente matar essas meninas, e esses meninos que querem ser meninas”, além disso, falam que precisa ser mais poderosos do que as pessoas das quadras que moram, e uma arma ajudaria a dar medo nesses homens e nessas pessoas que segundo eles não merecem ter uma vida tranquila.

23/10/2018 de 13h15min às 18h15min

O trabalho do semestre é trazer uma brincadeira e dar aula para turma, um dos grupos trouxe uma brincadeira chamada de “caçada”, onde um grupo fica dentro de quadra e outro fica ao redor da quadra do lado de fora. Cada um do grupo que está de fora, vai correndo ao redor da quadra para o grupo que esta do lado de dentro queimar. Nenhuma menina da turma quis participar da brincadeira, pois questionam que os meninos não passam a bola e que na hora de queimar, jogam a bola com muita força e acaba machucando as meninas. A professora não toma atitude nenhuma, pois diz que não adianta falar com eles. Então mais uma vez, as meninas ficam sentadas mexendo no celular e os meninos participando da brincadeira proposta.